

“Senhores, vós não sabeis quem sou”: o conflito identitário do indivíduo negro em dois poemas de Oswald de Camargo

“Gentlemen, you don’t know who I am”: The identity conflict of the black individual in two poems by Oswald de Camargo

Ricardo Silva Ramos de Souza ¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: O presente artigo pretende abordar o racismo e suas influências sobre o indivíduo negro e sua subjetividade inserido na sociedade brasileira, tendo como objeto de análise dois poemas de Oswald de Camargo, “O Estranho” e “Presença”. Relacionam-se os poemas com os dilemas das autorias negras brasileiras e sua convivência tensa com o cânone da literatura nacional. O suporte teórico conta com bell hooks, Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, Kabengele Munanga, Maria Aparecida Silva Bento, Carlos Moore e Stuart Hall para questões sobre racismo, branqueamento e branquitude; já para a noção de contemporâneo, com o filósofo Giorgio Agamben. Espera-se, por fim, ao dialogar com teóricos da literatura focados na vertente literária negra brasileira, como Zilá Bernd, Moema Augel e David Brookshaw, apresentar outras especificidades para a poética de Oswald de Camargo no panorama das autorias negras brasileiras, valorizando as escolhas estético-formais de sua poesia que diferem da crítica literária produzida a respeito de sua obra até então.

Palavras-chave: Oswald de Camargo; literatura brasileira; relações étnico-raciais.

Abstract: This article intends to address racism and its influences on the black individual and his subjectivity inserted in Brazilian society, having as object of analysis two poems by Oswald de Camargo, “O Estranho” and “Presença”. They are related to the dilemmas of black Brazilian authors and their tense coexistence with the canon of national literature. The theoretical support is given by bell hooks, Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, Kabengele Munanga, Maria Aparecida Silva Bento, Carlos Moore and Stuart Hall for questions about racism, whitening and whiteness; for the notion of contemporary, we bring the philosopher Giorgio Agamben. Finally, by dialoguing with literary theorists focused on the black Brazilian literary strand, such as Zilá Bernd, Moema Augel and David Brookshaw, it is expected to present other specificities for the poetics of Oswald de Camargo in the panorama of black Brazilian authors, valuing the choices aesthetic-formal features of his poetry that differ from literary criticism that has been produced so far about his work.

Keywords: Oswald de Camargo; Brazilian literature; ethnic-racial relations.

Recebido em 03 de julho de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

¹ Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Email: risoatellie@gmail.com

Introdução

“Conheço o Ocidente e tudo o que, criado por ele,
me força a sentir-me deslumbrado.
Sou um negro.
O que tenho feito – cada vez mais negro – é não
ficar mudo diante desse deslumbramento.”
(Oswaldo de Camargo)²

Em 2017, o escritor e ensaísta Oswaldo de Camargo organiza a primeira antologia de sua poesia com o livro *Luz & Breu: Antologia Poética 1958-2017*, sob a chancela da Ciclo Contínuo Editorial. A antologia reúne poemas de seus livros seminais – *Um homem tenta ser anjo* (1959) e *15 poemas negros* (1961), de coletâneas como a série *Cadernos Negros* e alguns dispersos e inéditos que melhor representam o que seria a sua produção poética.

Pretendemos, com este artigo, discorrer, a partir de dois poemas, “O Estranho” e “Presença”, constantes em *Luz & Breu*, sobre questões pertinentes à poesia de Oswaldo de Camargo, enfocando seu trabalho com a linguagem. Ele explora recursos tais como antíteses e outras figuras, como as metáforas rebuscadas, as imagens inusitadas e a busca pela transcendência, promovendo um diálogo destas com as agruras da vida do ser negro e possibilitando ao sujeito lírico posicionar-se em uma sociedade na qual o racismo delimita o cotidiano e a forma de pensar e agir da pessoa negra. Para elucidar nossa análise, recorreremos aos efeitos do racismo, do branqueamento³ e da branquitude⁴ na população negra, tendo como referência bell hooks (2019), Frantz Fanon (2008), Neusa Santos Souza (1983), Kabengele Munanga (2008) e Maria Aparecida Silva Bento (2003). Também vamos dialogar com a noção de contemporâneo, de Giorgio Agamben (2009), enfatizando a sensibilidade do poeta de visualizar no escuro aquilo que está oculto no seu tempo, isto é, para as nossas questões, as táticas de branqueamento e do racismo na

² CAMARGO, Oswaldo. *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. p. 7.

³ O ideal de branqueamento é “perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial, o que teve como consequência a falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva, enquanto segmentos politicamente excluídos da participação política e da distribuição equitativa do produto social.” (MUNANGA, 2008, p. 95).

⁴ “A branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais” (SCHUCMAN; CARDOSO, 2014, p. 5).

sociedade brasileira. Recorremos, ainda que de forma breve, a analogias com o poema “Eu também sou América”, de Langston Hughes (MARQUES, 1966 apud SOUZA, 2006), e ao “Sermão da XIV”, do Padre António Vieira ([1633] 2019), para enriquecer nosso ponto de vista. Assim, o artigo está dividido nas seguintes partes: a introdução; o contemporâneo, segundo Agamben; “Provai do meu pão”: análise dos poemas; considerações finais e referências.

Antes de tudo, é necessário apresentar Oswaldo de Camargo (1936-), escritor, ensaísta e ativista considerado o “elo de gerações” (CUTI, 2010) da literatura e do movimento negros; católico, posição religiosa que aparece em sua obra; participante da Associação Cultural do Negro⁵, onde conviveu com intelectuais negros como José Correia Leite⁶, importante nome da imprensa negra⁷ e da Frente Negra Brasileira⁸, além de conhecer intelectuais renomados como Florestan Fernandes e Sérgio Milliet. Com participação ativa na imprensa negra, participou da revista *Niger* e do jornal *Ébano*, entre outros. Seu primeiro livro de poesia foi *Um homem tenta ser anjo* (1958), seguido de *15 poemas negros* (1961), depois *O Estranho* (1984) e *30 poemas de um negro brasileiro* (2022). Na prosa destacam-se *O carro do êxito* (contos, 1972, 2016 e 2021), *A descoberta do frio* (novela, 1979, 2011 e 2023), *Oboé* (2014) e *Raiz de um negro brasileiro* (autobiografia, 2017). Tem poemas incluídos na *Nouvelle somme de poésie du monde noir*, organizada por Léon-Gontran Damas⁹ e publicada pela Présence Africaine em 1967.

⁵ A Associação Cultural do Negro (ACN) foi criada por antigos militantes da imprensa e do associativismo negros na capital paulista, e funcionou de 1954 a 1976, ainda que as suas atividades tenham sido reduzidas após a ditadura civil-militar em 1964. Lançou nomes importantes da literatura negra, como Carlos de Assumpção e Oswaldo de Camargo, além de publicar os *Cadernos de Cultura da A.C.N.*, o jornal *Mutirão* e a revista *Niger*.

⁶ José Correia Leite (1900-1989) foi militante negro de orientação socialista e bastante ativo na imprensa e no associativismo negros. Dentre os jornais e associações que fundou ou ajudou a criar, destacamos *O Clarim da Alvorada* (1928-1932), *Alvorada* (1945) e a Associação Cultural do Negro (1954).

⁷ A imprensa negra foi uma imprensa alternativa formada por uma espécie de elite negra que “passou a se posicionar a respeito da situação do negro brasileiro, explicitando, analisando e propondo soluções para os problemas que, de acordo com a sua visão, afetavam a população negra da época” (PINTO, 2013, p. 63). Embora seu início remeta a meados do século XIX, a imprensa negra foi muito ativa principalmente no estado de São Paulo, no início da república brasileira até a ditadura Vargas, que censurou esses jornais.

⁸ A Frente Negra Brasileira (FNB) foi a maior associação negra atuante no país. Criada em 1931, tornou-se partido político em 1936, mas seus direitos foram cassados com a ditadura Vargas em 1937. Inspirou diferentes Frentes pelo interior de São Paulo e em outros estados, como a Frente Negra Pelotense (RS), a Frente Negra Pernambucana (PE) e a Frente Negra Carioca (RJ). Publicou o jornal *A Voz da Raça* de 1933 a 1937. Arlindo Veiga dos Santos foi a sua maior liderança. Para melhores informações, ver Barbosa (1998) e Pinto (2013).

⁹ Léon-Gontran Damas (1912-1978) nasceu na Guiana francesa e foi estudar em Paris, onde conheceu Aimé Césaire e Leopold Sédar Senghor, que, posteriormente, seriam consagrados como os principais nomes do movimento Negritude. Poeta, publicou o seu primeiro livro de poesia em 1937, *Pigments*.

Como ensaísta, organizou a importante obra de referência *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira* (1987), além de ensaios sobre personalidades negras como Paula Brito¹⁰, Solano Trindade¹¹, Lino Guedes¹² e Mário de Andrade¹³. Organizou, ainda, *A Razão da Chama: antologia de poetas negros brasileiros* (1986), e participou de algumas das principais antologias sobre literatura negra brasileira, como *Cadernos Negros: os melhores contos* e *Cadernos Negros: os melhores poemas*, ambas de 1998, além de ser incluído em livros de ensaios e de antologias organizadas por Moema Parente Augel, Zilá Bernd e Paulo Colina.

Feita a apresentação de Oswaldo de Camargo, podemos dizer que os poemas selecionados em *Luz & Breu: Antologia Poética 1958-2017* revelam as principais características do autor – tais como as antíteses, as metáforas, a transcendência, a angústia, os questionamentos da condição de ser negro em uma sociedade na qual o padrão a ser seguido é o do homem branco. Sua poesia demonstra o posicionamento angustiado diante dessa ambivalência e dos efeitos do racismo na subjetividade do homem negro. Uma poesia que estimula questões, dentre as quais: como é ser negro nesse tempo e como a poética de Oswaldo de Camargo se apresenta diante desse dilema? No que essa poética se difere ou não de outros textos de autoria negra? Como lidar com o racismo na contemporaneidade?

1. O contemporâneo, segundo Agamben

Para dar continuidade ao que pretendemos expor, citamos o ensaio “O que é o contemporâneo?”, de Giorgio Agamben (2009), que recorre ao filósofo Nietzsche ao considerar como intempestiva a condição do ser diante do contemporâneo como uma dissociação, um anacronismo daquele que não coincide com o seu tempo, tornando possível perceber e apreender o tempo em que vive. Agamben amplia a discussão ao

¹⁰ Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi o precursor da imprensa negra, com o jornal *O Homem de Cor* (1833), e do mercado editorial no Brasil. Atuou como editor, dramaturgo, tradutor, contista e poeta.

¹¹ Solano Trindade (1908-1974) foi dramaturgo, ator e um dos mais populares poetas do Brasil. Foi cofundador da Frente Negra Pernambucana e do Centro de Cultura Afro-Brasileira em Recife, na década de 1930. Participou do Teatro Experimental do Negro, já no Rio de Janeiro, até fundar o seu Teatro Popular Brasileiro. Radicou-se em Embu das Artes, em São Paulo, onde exerceu intensa atividade artística.

¹² Lino Pinto Guedes (1897-1951) participou de importantes jornais da imprensa negra, como *O Getulino* (1923-1924) e *Progresso* (1928-1932), e foi o mais ativo escritor negro da primeira metade do século XX, publicando livros de poesia e ensaios, com destaque para *O canto do cisne preto* (1927) e *Negro preto cor da noite* (1936).

¹³ Mário de Andrade (1893-1945) foi escritor e um dos pilares do modernismo brasileiro. Sobre o seu pertencimento negro, recomendamos Camargo (2018) e Grillo (2016).

afirmar que ser contemporâneo é olhar para o seu tempo e ter a percepção não das luzes, mas do escuro, de ver na obscuridade. Para tanto, o filósofo recorre aos neurofisiologistas e o que mencionam como *off-cells*, uma série de células periféricas da retina que são desinibidas com a ausência de luz e, assim, entram em atividade e produzem a visão que conhecemos como escuro. Com isso, percebe-se que esse escuro é uma habilidade para neutralizar as luzes de seu tempo e, em seguida, descobrir as suas trevas, o escuro especial. Contemporâneo, portanto, “é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, direta e singularmente a ele” (AGAMBEN, 2009, p. 64).

Agamben (2009) complementa que, para a astrofísica contemporânea, o escuro que vemos à noite é a luz que não pode nos alcançar, pois ela é oriunda de galáxias que se deslocam em uma velocidade superior à da luz. Assim é o presente, um tempo que nunca consegue nos alcançar. Ser contemporâneo é perceber, no escuro, essa luz que quer nos alcançar, mas não consegue fazê-lo. Ser contemporâneo é não olhar para o tempo de forma linear, é relacionar diferentes tempos, ter a capacidade de transformá-los e buscar expressar com ineditismo o que já foi apresentado anteriormente; é estar sobre a fratura do tempo e buscar outro olhar para o seu tempo e para o passado.

2. “Provai do meu pão”: análise dos poemas “Presença” e “O Estranho”

A partir das considerações de Agamben (2009) sobre o contemporâneo, abordaremos como a poesia de Oswald de Camargo lida com a presença do negro em uma sociedade como a brasileira. Vejamos o poema “Presença”:

O hálito da Melancolia alargava-me
o peito, vi suas horas cinzas
mijando sobre mim, ergui-me, obscuro,
ante o último pilar desta esperança:
desvendar o que fui entre o meu povo.
Gravaram-me, então, na testa: “Eis o estranho!”

Estou deitado há muito tempo, sou culpado:
minhas mãos semearam cafezais onde me enforco
lembrando...
Do que fizemos já falaram: claro
é o contorno de nossa rota em torno dos engenhos,
o vaivém de nossos braços ninando-vos os nenês
de tez amanhecida.
Estou aqui.
Duro de ser quebrado, pois a tristeza
passa a enrijecer-me, e já me dispo
do pouco que enfim me atribuístes.

Eis-me aqui!
 E convoco a vossa herança para um grande incêndio,
 pois que ousou mirar-me, e já início! (CAMARGO, 2017, p. 32)

No poema “Presença”, a angústia existencial perpassa os versos em uma busca incessante do eu que se quer negro, que deseja a libertação da alienação imposta pela brancura (FANON, 2008). Logo na primeira estrofe essa condição é tida como a última “esperança” “ao desvendar o que fui entre o meu povo”, tendo como reação enfática oriunda da ordem estabelecida a alcunha de estranho, “Eis o estranho!”. Fanon (2008) sinaliza para a condição anormal dos negros no mundo dos brancos quando utiliza o exemplo de uma família considerada normal, na qual uma criança branca está inserida e os seus valores civilizatórios coadunam com os da nação, não havendo desproporção entre família e vida nacional. Porém, tal assertiva se desfaz com a criança negra, uma vez que ela será anormal em contato com o mundo branco. Nesse contexto o negro é inferiorizado, e ele perceberá isso no primeiro contato com o branco e o seu mundo.

Assim, o lamento surge nos três versos iniciais da segunda estrofe, nos quais a culpa dilacera o sujeito lírico. O lugar em que o negro deve ficar é mostrado no discurso do outro ao mencionar passagens da escravidão, mas a subalternidade é rejeitada pela tristeza, que no poema o fortalece – “enrijece-me” – e o sujeito lírico recusa aquele lugar, “e já me dispo/ do pouco que enfim me atribuístes”. Passa a rejeitar o corpo e o ideal de ego do branco, não mais anulando a presença do corpo negro. Para Jurandir Freire Costa (1983, p. 4-5), o modelo ideal de ego que é oferecido ao sujeito negro “não é um modelo humano de existência psíquica concreta, histórica e, conseqüentemente, realizável ou atingível”, uma vez que a identificação da estrutura da sociedade é a do “fetiche do branco, da brancura”, o que faz do branco o “sujeito universal e essencial”, a “humanidade”.

Dessa forma, diante do ideal de ego, o sujeito lírico é assertivo: “Eis-me aqui!”. A brevidade da exclamação no antepenúltimo verso do poema enfatiza a condição subversiva do negro nessa ordem pigmentocrática¹⁴, a reviravolta frente ao sistema racial

¹⁴ “Em uma ordem pigmentocrática, são as diferenciações da cor da pele, da textura do cabelo, da forma dos lábios e da configuração do nariz que determinam o status coletivo e individual das pessoas na sociedade. Mudar o fenótipo do segmento subalternizado, sempre no sentido de uma maior concordância com as feições e cor do segmento dominante, é um objetivo obsessivamente compulsivo neste tipo de sociedade.

Neste tipo de formação, as diferenciações de fenótipo e de cor são obtidas mediante uma política deliberada de cruzamentos incessantes, de caráter eugênico, entre o segmento dominado e o segmento dominante. Trata-se sempre de uma miscigenação vertical e unilateral, imposta ideológica e culturalmente pelo

vigente. E evoca o leitor para a sua nova fase para encerrar o poema: “E convoco a vossa herança para um grande incêndio,/ pois que ousou mirar-me, e já início!”. Assim, o sujeito lírico desconstrói toda a “herança” de democracia racial que domina a nossa sociedade, rejeita a repressão, a violência racista ao seu corpo e a sua subjetividade, nega a perseguição ao corpo e a sua mente. Com essa ousadia para enxergar o seu interior e exterior, o poema recusa o branqueamento e passa a sentir o prazer do corpo negro, a pensar o prazer, a viver o prazer. O “grande incêndio” queima a brancura, e da obscuridade nasce a capacidade de enxergar a ordem racista e os efeitos do racismo no corpo e na subjetividade do negro. O poema de Camargo apresenta um posicionamento incisivo contra o racismo e o branqueamento, enxerga aquilo que a negação (a escuridão) do racismo tenta ocultar; como contemporâneo, o sujeito lírico procura ressignificar o seu tempo e o passado para os negros brasileiros.

Procuramos aqui seguir uma linha analítica que difere de parte da crítica das autoras negras brasileiras (AUGEL, 2010; BERND, 1987, 1992, 2011; BROOKSHAW, 1983; DAMASCENO, 2003; XAVIER, 1987), que enfatiza o lamento, a angústia, o desalento, a resignação e o desamparo como características que reduzem a poesia de Camargo. Todavia, ainda que tais características sejam expressivas na poesia e na prosa do escritor, isso não quer dizer que a poesia não apresente traços de reivindicação política, revolta com as condições da população negra e afirmação de ser negro (FILIPPO, 2007). Para melhor ilustrar a nossa argumentação, façamos a leitura do excerto do poema “O Estranho”:

(...)
 Vinde, provai do meu pão!
 Abancai-vos a esta mesa,
 se conheceis quem eu sou!
 Assentai-vos, meus senhores,
 provai do meu pão de fel,
 repasto useiro em família.

No vosso rosto percebo
 nojo do que vos oferto...
 Mas o que é meu tributo
 à vossa força e firmeza:
 sal e fel e ausência bíblica
 de uma “escada de Jacó!”

segmento dominador. Nesse contexto de “compulsoridade eugênica”, a miscigenação desempenha uma função normativa central. Por serem fundamentalmente fenotipofóbicos e fenotipocêntricos, os modelos pigmentocráticos são forçosamente sistemas que se baseiam na miscigenação compulsória” (MOORE, 2012, p. 209, grifos do autor).

Senhores, vós não sabeis,
 quem sou,
 não, não sabeis quem eu sou!
 Olhai-me a face de cobre
 combusta de sóis e ardumes,
 notai-me o rastro, eis que meço
 a estreiteza da senda
 que vosso mundo traçou.
 Vinde, provai do meu pão!
 A noite, sentada à mesa,
 é bem conhecida minha...
 Eu vos convidei, senhores!
 Provai, provai do meu pão! (CAMARGO, 2017, p. 29-31)

Neste poema evidencia-se o dilaceramento entre os mundos do negro e do branco (BERND, 1987). A linguagem rebuscada contribui para a trama de tensão, de confronto quando um negro não se posiciona conforme a ordem pigmentocrática, um negro ciente diante de um mundo cindido pelo racismo: “(...) eis que meço/ a estreiteza da senda/ que vosso mundo traçou”. Contemporaneamente, o sujeito lírico reencena o passado, busca transformar o seu tempo. A mesa, local de conciliação e de troca, é o espaço de tensão; e no poema a tensão encontra-se no branco provocado pelo sujeito lírico negro. A princípio, este ainda condiciona o reconhecimento do outro no convite para compor a mesa – “se conheceis quem eu sou” –, mas o “pão de fel”, como metáfora da afirmação identitária negra, causa desconforto ao branco diante da situação “inusitada”: “No vosso rosto percebo/ nojo do que vos ofertou...”. Essa recusa do branco desmascara a sua ignorância frente ao negro, o branco não conhece a identidade do negro: “Senhores, vós não sabeis,/ quem sou, /não, não sabeis quem eu sou!” O sujeito lírico enfatiza a diferença, pressiona o branco para que a considere, revela o quanto este é redutor ao não reconhecer a diferença do outro. Pressiona, assim, o seu interlocutor para que este o reconheça como humano, busca restituir a sua condição humana e assim transformar o que já possui como certeza subjetiva em verdade objetiva, para desenvolver um novo humanismo (FANON, 2008).

Dessa forma, é natural pensarmos na atitude do homem branco expressa no poema, sem voz e sem protagonismo, sendo analisado e percebido pelo negro. O deslocamento de ser visto pelo negro presente no sujeito lírico é causador de enorme incômodo. bell hooks, ensaísta negra norte-americana, enriquece nosso ponto de vista ao discorrer sobre como a branquitude se dá no imaginário das pessoas negras. hooks (2019) afirma que as pessoas brancas reagem com incredulidade ingênua quando as pessoas negras avaliam criticamente aquelas como “brancas”; logo, essa surpresa é uma manifestação de racismo. Segundo esta pesquisadora, as pessoas brancas acreditam que

são invisíveis para as negras; acreditam em uma subjetividade universal em que somos apenas pessoas, por isso a surpresa quando negros refletem sobre a branquitude porque, para o pensamento racista, somente o Outro que é subjugado, sub-humano, incapaz de compreender os efeitos do racismo. Isso acontece em razão de um efeito histórico da sociedade supremacista branca em que essa condição “concedeu-lhes o direito de controlar o olhar do negro” que, para hooks, é uma marca de opressão oriunda do tempo da escravidão e do apartheid racial, quando os negros eram obrigados a manter um manto de invisibilidade, a não apresentar sua subjetividade para, assim, serem considerados menos ameaçadores. hooks compreende o controle da pessoa branca sobre o olhar da pessoa negra como uma tática de terror e desumanização que reforçava a negação de subjetividade destas, uma vez que estas poderiam ser punidas com severidade se fossem percebidas observando pessoas brancas. Dessa forma, era necessário que os negros fossem objetos, incapazes de ver ou de reconhecer a realidade. O hábito de olhar para baixo diante de uma pessoa branca era a demonstração de submissão; por outro lado, o olhar direto de uma pessoa negra seria uma afirmação de sua subjetividade, de igualdade. Ou seja, a segurança, para as pessoas brancas, residiria numa falsa invisibilidade, numa fantasia de branquitude¹⁵ (HOOKS, 2019, p. 298-301).

Na perspectiva de representação da branquitude como terror no imaginário dos negros é que o poema de Camargo rompe com a relação de subalternidade, ao exigir do branco o olhar para o negro, que o reconheça como humano, tendo sua potência e ênfase apoiada no recurso de intercalar o uso dos verbos na segunda pessoa do plural no presente do indicativo e no imperativo (“olhai-me”, “notai-me”, “não sabeis quem eu sou”, “provai do meu pão”), além de utilizar exclamações e reticências como reforço da carga dramática de pressão na disputa à mesa. Dessa maneira, o poema de Camargo possibilita o que hooks nomeia como autorrecuperação política, isto é, a capacidade de contarmos as nossas histórias. É a consciência de tal processo que ajuda a refletir sobre a associação da

¹⁵ hooks recorre ao ensaio “White”, de Richard Dyer, para descrever a fantasia que torna a branquitude como sinônimo de bondade. Dyer menciona a naturalidade com que foi construída pelo judaísmo e cristianismo a associação do branco com a luz e com a segurança enquanto o negro ficou associado ao escuro e ao perigo. Mas, pode-se argumentar que a segurança está no envolvimento da escuridão e o perigo enquanto estamos expostos à luz. Para Dyer, as pessoas brancas foram condicionadas a acreditar na fantasia de que a branquitude está associada à bondade e a nada ameaçador, o que as faz pensar que pessoas negras pensariam a branquitude de igual forma. Porém, “[n]ão imaginam que a forma como a branquitude fez sua presença ser sentida na vida negra – com muita frequência como uma imposição aterrorizante, um poder que fere, magoa, tortura – é uma realidade que rompe com a fantasia da branquitude como representação da bondade” (HOOKS, 2019, p. 301).

branquitude com o terror; assim, ela se torna incapaz de ser uma inspiração positiva no imaginário de pessoas negras. Partindo dessa desconstrução é que hooks a compreende como uma forma de nomear o impacto do racismo e contribui para romper com o seu domínio, descolonizando, assim, nossas mentes e nossas imaginações (HOOKS, 2019, p. 310-315).

Após as considerações de hooks, inferimos, no poema, que as identidades estão em disputa, e que esse movimento esgarça as fronteiras impostas. Assim, Stuart Hall afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2006, p. 9). Portanto, inferimos que no poema “O Estranho” está sendo questionado e pressionado o pacto narcísico dos brancos, que se trata de um “acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (BENTO, 2003, p. 26).

Ainda no poema, temos uma sinalização importante para o que seria outra abordagem da poética de Camargo, pois, em “O Estranho”, bem como em boa parte de sua obra, é nítida a experiência e a inspiração do/no catolicismo, o que acaba sendo uma característica autobiográfica de Camargo, pois ele foi seminarista em sua juventude; porém, “O Estranho” apresenta uma leitura dos referenciais bíblicos que não são os da resignação e do lamento, tantas vezes citados em análises de outros pesquisadores. Neste poema, o sujeito lírico utiliza as metáforas bíblicas para ser incisivo em suas colocações identitárias, a expor o seu pertencimento, o “sal e fel” e a não salvação pela “escada de Jacó”. Um negro novo que, ainda católico, também critica a ideologia cristã, a que historicamente esteve ao lado do sistema escravocrata e do tráfico negreiro; a “*Infelix genus hominum, et ad servitutum natum*”¹⁶ servindo como exemplo para a justificativa de sofrimento dos escravizados no “Sermão da XIV” [1633], do Padre António Vieira, o qual compara o sofrimento de Jesus Cristo com a dor de escravizados na América portuguesa. De Vieira, destacamos a seguinte passagem para ilustrar nosso pensamento:

(...) Não se pudera nem melhor nem mais altamente descrever que coisa é ser escravo em um engenho do Brasil. Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e Paixão de Cristo que o vosso em um destes engenhos. *O fortunati nimium sua si bona norint!* Bem-aventurados vós, se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e, com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança, aproveitar e santificar o trabalho!

(...) A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem

¹⁶ “Infeliz gente, nascida para a servidão” (VIEIRA, p. 12).

comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio (VIEIRA, p. 10).

Por fim, Camargo segue uma tradição das literaturas negro-diaspóricas¹⁷ em que se utiliza a mesa com a perspectiva do encontro, mas também de confronto e negociação, de separação das identidades culturais branca e negra (CARMO FILHO, 2016, p. 84), imagem também utilizada por Langston Hughes (1902-1967), escritor consagrado do movimento Harlem Renaissance¹⁸. Seu poema “I, too, sing America” (“Eu também canto a América”) exalta o pertencimento negro e reivindica a equidade racial¹⁹, como podemos ler a seguir:

I, too, sing America.
I am the darker brother.
They send me to eat in the kitchen
When company comes,
But I laugh,
And eat well,
And grow strong.

Tomorrow,
I'll sit at the table
When company comes.
Nobody'll dare
Say to me,
“Eat in the kitchen”,
Then.

Besides,
They'll see how beautiful I am
And be ashamed, –
I, too, am America. (MARQUES, 1966, p. 234 apud SOUZA, 2006, p. 213-214).²⁰

¹⁷ “As literaturas negro-diaspóricas encontram seus referenciais nos primeiros textos literários de negros durante a colonização nas Américas, na oralitura que o cânone ocidental desconsidera, tais como os cânticos dos escravizados, como nas spirituals songs e os orikis, assim como o grafite e o rap dos nossos dias; essas literaturas inspiram-se nos movimentos culturais das décadas de 1920-30, como o Harlem Renaissance, a Negritude, o Negrismo cubano, o Indigenismo haitiano; no reggae jamaicano e demais movimentos negros na diáspora que, desde então, se relacionam de diferentes maneiras e intensidades. Dessa maneira, encontramos recursos estilísticos, estético-formais e temáticas que se assemelham, tendo na ininterrupta inventividade com a linguagem a forma para rasurar os cânones estabelecidos” (SOUZA, 2014, p. 102).

¹⁸ Movimento cultural criado por artistas negras e negros no Harlem, bairro nova-iorquino, durante os anos 1920, que possuía uma proposta de valorização da autoestima negra, resgate de valores e da arte africana e denúncia contra o racismo, tornando-se referência em movimentos negros no Caribe e na Negritude francesa, principalmente com a antologia *The New Negro*, organizada por Alain Locke em 1925. Revelou autores como Claude McKay, Zora Neale Hurston, Jessie Fauset, Nella Larsen e Countee Cullen.

¹⁹ A ideia de equidade “pressupõe um tratamento diferenciado aos sujeitos em situação de desigualdade, para que seja possível a construção da igualdade na sociedade. A igualdade de tratamento por si só numa sociedade historicamente desigual tende a ser um fator reproduzidor de desigualdades existentes” (PEREIRA; OLIVEIRA; LIMA, 2015, p. 9).

²⁰ “Eu também canto a América./ Eu sou o irmão mais escuro./ Eles me mandam comer na cozinha/ Quando chega visita,/ Mas eu rio,/ E como bem,/ E vou crescendo.// Amanhã,/ Eu me sentarei à mesa,/ Quando houver visita./ Ninguém se atreverá/ A me dizer./ ‘Vai comer na cozinha’,/ Desta vez.// Além disso,/ Eles

Trata-se de um poema de devir, em que percebemos a ironia como figura marcante e o uso do gerúndio – “crescendo” – como forma de anunciar o porvir, a afirmação identitária negra contra a segregação racial norte-americana. O sentar-se à mesa é o espaço de confronto direto, de elevar a autoestima negra e de mostrar o quanto a postura do branco norte-americano era discriminatória. O que pretendemos com a breve inserção de Hughes ao debate é mostrar o quanto o poeta negro norte-americano e Oswaldo de Camargo negam a “lógica da oposição binária” do “ou/ou”, que permanece como o lugar da “contestação constante”, mas pensar em uma “lógica diferente da diferença”, conforme sinaliza Hall (2011, p. 326). A situação do negro na diáspora negra pode manifestar a perspectiva da “lógica do acoplamento”, oferecida pela conjunção “e”, uma vez que tanto nos Estados Unidos da América quanto no Brasil os negros lutam e negociam as suas diferenças e reivindicam os reconhecimentos identitários nos projetos políticos destes países: Langston Hughes como negro e norte-americano, e Oswaldo de Camargo como negro e brasileiro.

Considerações Finais

Procuramos aqui mostrar como Oswaldo de Camargo trabalha as angústias do negro entre dois mundos, o do negro e do branco, o jogo de antíteses – Luz & Breu –, pois, como bem aponta Moema Parente Augel, Camargo “carrega, mais do que qualquer outro poeta negro, o grande drama de ter tido uma esmerada educação ‘branca’, não podendo, e até certo ponto não querendo, desvencilhar-se dela nem dos legados da civilização ocidental” (AUGEL, 2010, p. 160, grifos da autora). Compreendemos que entre as autorias negras brasileiras essa seja a principal diferença, marca de distinção de sua poesia e a maior contribuição de Camargo para a vertente literária negro-brasileira. Considerado o “elo de gerações” por e para tantos autores/as e leitores/as, que a partir de sua linguagem rebuscada, a busca pela transcendência, o uso de metáforas bíblicas, os questionamentos, as reticências e as exclamações repletas de inquietações do indivíduo negro fazem da poesia pungente produzida por Oswaldo de Camargo, desde o final da década de 1950, um manancial para refletirmos as nossas ambiguidades, fraquezas e dores nesses dois mundos, do negro e do branco, como convivemos e como afirmamos a nossa

verão como sou belo/ E ficarão envergonhados./ Eu, também, sou América.” (MARQUES, 1966, p. 234 apud SOUZA, 2006, p. 213-214, tradução de Orígenes Lessa).

identidade negra. Inferimos que, para além da angústia e do lamento, Oswald de Camargo demonstra uma postura de enfrentamento ao racismo conforme os poemas aqui analisados, “Presença” e “O Estranho”, em uma escrita sofisticada, longe de um discurso engajado e mais direto, mas sim valendo-se de uma linguagem inventiva que busca na multiplicidade de recursos da escrita poética novas formas de desvelar os ardis do racismo. Por fim, em sua poesia temos o que Neusa Santos Souza (1983, p. 77) nos ensinou: “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”. E a poesia de Oswald de Camargo é um excelente material para conhecermos os impasses da dupla consciência (DU BOIS, 2020) que atingem as pessoas negras em uma estrutura social fundamentada pelo racismo.

Referências

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-76.

AUGEL, M. P. Angústia, revolta, agressão e denúncia: a poesia negra de Oswald de Camargo e Cuti. In: PEREIRA, E. A. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 156-167.

BARBOSA, Márcio. *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 25-58.

BERND, Z. (Org.). *Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

BERND, Z. (Org.). *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto Alegre: AGE: IEL: IGEL, 1992.

BERND, Z. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BROOKSHAW, D. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMARGO, O. *Luz & Breu: Antologia Poética 1958-2017*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2017.

CAMARGO, O. *Negro drama: ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

CAMARGO, O. *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CARMO FILHO, R. S. *Negritude, identidades e consciência estética na poesia afro-brasileira de Oswaldo de Camargo*. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <http://sistemas2.uespi.br:8080/bitstream/tede/97/5/NEGRITUDE%20IDENTIDADES%20E%20CONSCI%C3%8ANCIA%20EST%C3%89TICA%20NA%20POESIA%20AFRO-.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

COSTA, J. F. Prefácio – Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 1-16.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAMASCENO, B. G. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

DU BOIS, W. E. B. *As almas do povo preto*. Tradução Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FILIPPO, T. V. *Imagens poéticas: o negro, a África e a noite na literatura de Oswaldo de Camargo*. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-6ZCF6S/disserta__othiara_2_revisado_16_mar_o07.pdf?sequence=1. Acesso em: 04 maio 2019.

GRILLO, A. T. *Sambas insonhados: o negro na perspectiva de Mário de Andrade*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2016.

HALL, S. Que “negro” é esse na cultura negra? In: HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 317-330.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, B. Representações da branquitude na imaginação negra. In: HOOKS, B. *Olhares Negros: raça e representação*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. p. 294-315.

MOORE, C. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, A. A.; OLIVEIRA, J. C. C.; LIMA, T. C. C. Introdução. In: PEREIRA, A. A.; OLIVEIRA, J. C. C.; LIMA, T. C. S. (Org.). *Memórias do Baobá: raízes e sementes na luta por equidade racial*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2015. p. 7-13.

PINTO, R. P. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: UEPG; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.

QUILOMBHOJE (Org.). *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. Entrevistas e textos de Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2012.

SCHUCMAN, L. V.; CARDOSO, L. Apresentação Dossiê Branquitude. *Revista da ABPN*. Vol. 6, N. 13, p. 05-07, mar.-jun. 2014.

SOUZA, E. F. *Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes*. Recife: O Autor, 2006.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, R. S. R. *Afirmando outras versões da História... Memória e Identidade nas poéticas de Éle Semog e José Luis Hopffer Almada*. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. 2014.

VIEIRA, P. A. *Sermão XIV (1633)*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000032pdf.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

XAVIER, A. Dha lamba à quizila – a busca dhe huma expressão literária negra. In: ALVES, M.; CUTI; XAVIER, A. (Org.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. p. 89-100.